

O apelo ao pai e o pai como apelo no Brasil contemporâneo

Luís Claudio Figueiredo

Qual o lugar das figuras do pai e da função paterna na cultura brasileira? O filme *Central do Brasil* sugere a instauração de uma fraternidade que seja a herdeira legítima de um pai do qual se pôde fazer o luto.

Há “leis” na natureza, entre as quais a “lei do mais forte”, aquela que regulava a vida comunitária e intercomunitária nos tempos míticos da horda primitiva, conforme nos ensina Freud em *Totem e Tabu* (1913)¹. Por esta imprescindível regulação “natural” pagava-se, contudo, um preço elevado: o pai da horda primitiva é uma figura do excesso que monopoliza a potência da comunidade atirando os demais - fêmeas e filhos - à impotência, à exclusão, à marginalização e, eventualmente, à morte. As garantias que oferece - uma certa e sem dúvida indispensável proteção, um território limitado, uma hierarquia, uma escala de valores - geram elas mesmas as forças da desagrega-

ção e da instabilidade. Porque são estas forças naturalmente geradas como o que se coloca fora e contra o sistema natural que poderão acumular-se até o ponto de impor ao pai uma derrota - a morte. A “lei da natureza” gera e alimenta o que lhe escapa e o que lhe contesta o domínio. Um domínio, por sinal, sujeito também às outras vicissitudes naturais, pois que este pai, ser da natureza, independentemente de como lhe tratem os filhos, adoece e morre. A “lei da natureza” pede um suplemento.

Luís Claudio Figueiredo é psicanalista, professor da PUCSP e da USP, autor do livro *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos* (Escuta/Educ) entre outros.

O que pode vir depois - a instalação de uma solidariedade fraterna, baseada nas renúncias coletivas ao excesso (a interdição do incesto, da rapina, do canibalismo e do assassinato) como condição de uma procura cotidiana e generalizada das felicidades possíveis no campo mais resguardado da convivência civilizada, ou seja, a cultura em uma de suas dimensões fundamentais - fará o possível para mascarar suas origens no crime. Os mais elevados valores, os ideais, as normas e as leis que uma cultura oferece como condições e exigências de sociabilidade tentam, em parte, conservar o que havia de vigoroso, protetor e reassegurador no pai assassinado; em parte, tentam resgatar, mas de forma mais moderada e menos brutal, o que havia de restrições necessárias no domínio ilimitado e despótico daquele pai; mas, de outra parte, são, também e simultaneamente, a tentativa de tirá-lo definitivamente do caminho, de enterrá-lo bem fundo para que ele, jazendo em paz, reine em espírito mas jamais em presença. É preciso recordá-lo e reverenciá-lo para que, aliviados da culpa pelo crime, possamos adquirir a convicção de que jamais vamos tê-lo novamente em presença. De que jamais iremos reencontrá-lo naquela forma impositiva e excessiva de presença que configura a ameaça de aniquilamento para a prole e de exploração para as fêmeas. Parafraseando o que diziam certos xerifes acerca dos índios no velho Oeste, "pai bom, é o pai morto" ou, pelo menos, o que se deixa morrer em pessoa para sobreviver de forma atenuada e sublimada na memória reverente dos filhos.

Apelo ao pai. O pai como lembrança e nostalgia e nunca como presença plena e avassaladora. O pai como alvo de um apelo de limite e proteção, de demarcação de território e separação hierárquica dos lugares, de estabelecimento dos valores e das regras para as trocas e mesmo para as dádivas (porque a "generosidade" - esta bela virtude materna -

quando excessiva também costuma ser letal)², mas nunca como o todo-poderoso senhor dos entes, soberano sobre as coisas, os bichos, as plantas, e as pessoas, acima de qualquer lei. Este precisa morrer.

A cultura, suplemento da natureza, tem sua razão de ser no conservá-la, mas a conserva mediante todos os expedientes que procuram atenuar a presença da natureza, retirar da natureza e de suas leis impiedosas o que nelas atenta contra a própria vida. Sabemos, todavia, que estes expedientes produzem sistematicamente o que lhes escapa e o que lhes vêm

usos e abusos, o desgaste proveniente do confronto, tantas vezes decepcionante, com as experiências vividas. O pai enterrado - a onipotência reprimida -, ao contrário, conserva-se intacto e cresce em poder e fascínio com a passagem do tempo.³ A presença diminuída do pai nos valores, ideais, normas e leis ciclicamente se revela incapaz de competir com a presença plena do pai tal como fantasiada a partir da sua condição de "enterrado vivo". O apelo, a lembrança e a nostalgia do pai já não se podem mais contentar com o que a cultura oferece e desencadeiam o

O pai está conservado, de um lado, na solidariedade fraterna baseada na renúncia aos excessos, e de outro na forma enterrada e fantasmática da onipotência reprimida.

contestar o domínio. Assim como a "lei do mais forte" gerava a conspiração dos fracos, a conservação do pai assassinado na cultura produz novas questões endereçadas à própria cultura.

O pai, recordemos, está conservado duplamente: de um lado, na forma sublimada e purificada da ética, da solidariedade fraterna baseada na renúncia aos excessos e, conseqüentemente, no compartilhar de uma quota universal de mal-estar entre os civilizados. De outro, o pai é, mais ainda, conservado na forma enterrada e fantasmática, e por isso mesmo poderosa, da onipotência reprimida. Ora, sabemos que a repressão é um expediente de conservação muito mais eficaz que qualquer outro: valores, ideais, normas e leis sofrem a usura do tempo, o gasto dos

esforço de ir, para além da cultura, na direção de uma reaproximação com o pai ele mesmo, com o pai no seu soberano despotismo.⁴ A cultura engendra assim, pelo que promete e pelo que simultaneamente subtrai, pela ambivalência diante do pai, um apelo de suplemento, uma ânsia de retorno à presença viva e natural do pai. Retorno, diga-se de passagem, que pode significar uma precipitação no abismo, uma entrada nas trevas e na selvageria, como bem o demonstram os episódios totalitários na história recente de nossa civilização (a URSS de Stalin, a Alemanha de Hitler, etc). De fato, quando este retorno é consumado, o pai como lembrança, nostalgia e alvo de um apelo é substituído por uma figura que, envergando a fantasia de pai que a coletividade lhe oferece, não pode

deixar de ser um impostor, ou seja, na verdade, um filho que se pretende não-castrado. Trata-se, portanto, de um perigoso impostor, talvez ele próprio parcialmente ignorando a impostura em que está implicado mas que, movido por uma inveja não mitigada da onipotência paterna, empenha-se em uma imitação grotesca e caricata do que seria aquela potência máxima. Será preciso, mais uma vez, o assassinato, com a atenuante de que agora pode-se vir a saber que o morto não era o pai ele mesmo, mas apenas um louco que havia aceito o papel. E então, refeitos do crime e do luto, podemos colocar novamente o pai no lugar de onde não deveria ter saído: "além do homem", na distância em que, mais do que apenas alvo de um apelo que lhes endereçam os filhos, ele, também, é apenas um apelo aos filhos, sem se dar, contudo, plenamente a ver e a conhecer em pessoa, ou seja, conservando-se num certo anonimato e remetendo-se aos filhos apenas na forma dos ideais, das metas e das normas e exigências éticas.⁵

A questão é: como sustentar o pai como destinatário e como remete de um apelo? Como mantê-lo na distância justa que a ambivalência diante dele solicita? Como sustentar este luto, jamais plenamente consumado? Como renunciar a trazer o pai para a presença plena e opressiva nos momentos em que ele parece nos escapar completamente deixando-nos entregues à loucura e ao desespero⁶ e como continuar confiando nele e a persegui-lo quando ele em sua presença diminuída nos parece reduzido a uma impotência ignominiosa?

Estas são questões universais que decidem os destinos das sociedades humanas em seus processos de construção e destruição civilizatória. Estas questões, porém, tornam-se mais agudas e mais urgentes quando as promessas da cultura parecem esbarrar rapidamente em desmentidos incontornáveis. É o que ocorre quando os ganhos em segurança e felici-

dade que a cultura promete, em troca de uma certa repressão das exigências pulsionais e de um certo mal-estar, revelam-se continuamente precários e ilusórios, quando o cotidiano nos oferece um panorama em que o mal-estar da repressão não é recompensado enquanto ao contrário, a expressão brutal da cupidez e da agressividade parecem, isto sim, trazer inúmeras vantagens.

Fomos e somos
destinados a
ocupar uma
posição periférica,
exótica e
excêntrica no
campo da cultura
ocidental.

Brasil: natureza e cultura

Gostaria de trazer para perto de nós estas questões tomando apoio em duas plataformas: nossa posição periférica no seio do Ocidente e nossa ambivalência diante das metrópoles e eixos culturais da nossa civilização.

Em termos econômicos, políticos e culturais fomos e somos reconhecidos como destinados a ocupar uma posição periférica, exótica e excêntrica no campo da cultura ocidental na qual nos formamos como Colônia e depois como Nação. Isto significou uma profunda identificação pelo avesso, como se fôssemos e

devêssemos ser fundamentalmente o espaço privilegiado da anti-cultura, da natureza, do retorno a ela, do reencontro e da reconciliação com ela. A natureza generosa, a terra-mãe gentil, a cordialidade, as artes femininas da cozinha e da sedução, as belezas e fecundidades naturais e maternas foram ao longo dos tempos, com variações mas com uma notável perseverança, marcando um dos eixos sobre os quais nos damos a conhecer e nos reconhecemos. Fomos e continuamos sendo uma das terras de eleição das utopias nostálgicas de todos os romantismos, pré-modernos, modernos e pós-modernos.

Ocorre, porém, que esta exuberância nativa, esta exacerbação das forças maternantes, é também e necessariamente a arena em que todas as arbitrariedades podem ser perpetradas, seja com os disfarces e compensações da potência feminina ilimitadamente "generosa" – terra dos conchavos, jeitinhos, acomodações, favores, maracutaia e, palavra definitiva, terra das mamatas – seja com a prepotência dos interesses egoístas e anti-sociais da voracidade paterna arcaica – país dos padrinhos, país dos padrões... Se somos os filhos desta terra-mãe gentil, somos também os filhos, afilhados e apadrinhados, cunhados e genros (e noras) de coronéis e caciques. Convém registrar a absoluta complementaridade destas duas concepções que organizam nosso imaginário. A "generosidade" ilimitada da natureza, a extraordinária gentileza desta terra-mãe, em que, presume-se desde Caminha, "em plantando tudo dá", sustenta a crença na onipotência materna. Esta crença, como Winnicott apontava, é a responsável pela crueldade infantil (*ruthlessness*) que não cede espaço algum à preocupação da criança com a mãe. Maltratar e explorar impiedosamente a nossa "natureza", confiados em sua "generosidade" inesgotável, tornou-se, sem dúvida, um esporte nacional e, nesta empreitada, os coronéis e caciques chegam às raias do requinte.

É natural que a nostalgia por alguma ordem que pareça pairar acima das arbitrariedades miúdas do nosso cotidiano possa prosperar entre nós, mesmo que seja uma ordem eventualmente opressora, mas percebida como fundamentalmente protetora. Esta nostalgia nos coloca freqüentemente na expectativa de um retorno do pai em sua máxima potência e presença.. Figuras como Getúlio Vargas, Jânio Quadros e mesmo Fernando Collor pareceram responder mais ou menos bem a este apelo ao pai, ressaltando-se que, talvez, em parte o segundo mas, seguramente, o terceiro dos mencionados entrou rapidamente na categoria dos impostores, dando ensejo a um arremedo de festa totêmica por ocasião do *impeachment*. Como o impostor neste caso é um filho que se pretendia não-castrado, a “festa” se converte em um autêntico “pega pra capar”. Poderíamos também incluir na lista muitas manifestações da religiosidade popular mais tradicional como as que giraram e giram em torno, por exemplo, de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero Romão, entre muitos outros.

É diante desta mescla indissociável de “generosidade”, proteção desmedida e exploração arbitrária, de amor e violência incontida que olhamos com grande admiração para os povos ocidentais que conseguiram instalar uma civilização que, até há pouco tempo atrás (antes das guerras na Iugoslávia, certamente), nos pareciam mais livres destas mazelas. Surgia daí, embora não fosse esta a única fonte deste movimento, uma certa ânsia de incorporar a modernidade no que respeita a força das leis, a nitidez das normas e ideais etc. Em geral foram as elites culturais - profissionais liberais, militares, artistas e literatos e mesmo muitos clérigos mais cultivados - os que mais desejaram e desejam escapar desta alternativa infeliz - barbárie maternante ou barbárie paternante - instituindo uma ética moderna em que o pai (e a mãe) - ou seja, a or-

dem familiar e patrimonialista - pudessem recolher-se no fundo da terra. Este recolhimento da ordem familiar poderia dar espaço, então, ao Estado e a seus funcionários idôneos, às leis impessoais e às suas autoridades legítimas, à lógica cega e impessoal do mercado e a seus agentes honestos, competitivos, eficientes etc. Como se sabe, é muito discutível se estes anseios foram ou podem

Se a presença do pai na cultura deve comportar sempre uma certa ausência, uma presença atenuada, pois só assim a solidariedade fraterna pode vingar, a cultura cínica e transgressiva ou a dissociação constitutiva que nos estrutura têm o dom de transformar o pai numa espécie de “bobo” que não merece ser reverenciado e por cuja morte não devemos sentir culpa alguma. Nes-

Os discursos modernos e as medidas modernizantes quase sempre são desmentidos pela práticas sociais que os incorporam como adorno, civilidade e modernidade.

vir a ser plenamente alcançados. É, inclusive, discutível a força real destes anseios mesmo entre os que mais parecem comprometidos com os discursos da modernidade. Na verdade, os discursos modernos e as medidas modernizantes quase sempre são desmentidos pelas práticas sociais que os incorporam apenas como adorno e prova de civilidade e modernidade. Freqüentemente são adotados sem que seus porta-vozes disponham-se a renunciar aos velhos hábitos, a abrir mão dos favores, das mamatas e da prepotência de filhos e afilhados dos grandes caciques. Um dos mais nefastos resultados deste processo de “abrasileiramento” do ocidente é a própria desmoralização desta modernidade, reforçando, na direção contrária, seja uma cultura cínica e transgressiva, seja uma dissociação constitutiva entre discursos e práticas, entre a letra da lei e suas sinuosas interpretações sempre conformes às necessidades de momento etc.⁷

tas condições, para algum pai merecer o nosso respeito, ele deveria comparecer em pessoa com toda a sua gula, com toda a sua fúria, com todo o seu poder de vida e de extermínio.⁸

Para além do pai

No grande filme que é *Central do Brasil*, de Walter Salles, encontramos um povo na busca do pai. É o menino que instiga a mãe a escrever ao pai, são todos os analfabetos que procuram na escrevedora de cartas - uma figura algo andrógina de mulher masculinizada - as letras e o discernimento que lhes fazem falta, é a escrevedora de cartas que, apesar de sua descrença e do seu cinismo inicial diante dos pais - forjados no encontro com o “pai” violento e omissivo, sedutor e esquecido da filha - acompanha e sustenta o menino em sua procura, é o motorista de caminhão que julga ter encontrado um pai severo, rigoroso e castrador entre os

evangélicos, são os romeiros que se dirigem ao pai na figura do padrinho Padre Cícero Romão Batista, são os irmãos que esperam o retorno do pai...

escrevedora parte, deixam o pai - e a mãe - na justa distância em que já não mais se procura o Pai; mas é aí que a função paterna se institui e que uma fraternidade pode se formar

Há um rumo em *Central do Brasil*: o menino não encontra o pai, encontra os irmãos e é por eles encontrado. Uma ética da fraternidade para além dos pais excessivos.

Há algo no filme de absolutamente realista - a miséria e a violência cotidiana - em que o assassinato de um "trombadinha" à luz do dia é mero detalhe -, o esforço sem lucro e as esperanças vãs, há, enfim, esta procura desorientada, crédula e interminável do pai. Tudo isso é impactante e nos toca profundamente. De tudo isso nós conhecemos bem o sabor, mesmo que tentemos nos esquivar. O que mais nos toca, contudo, é o que há no filme de mais raro e inverossímil, algo com que podemos sonhar mas que quase nunca podemos experimentar. O menino não encontra o pai, encontra os irmãos e é por eles encontrado. O pai, sim, também comparece. São deles as habilidades de marceneiro tão louvadas pelo filho que o procura e tão bem adquiridas por um dos filhos que o espera. Tão bem adquiridas, na verdade, que este é o filho que já não se ilude: ele sabe que o pai não voltará. Mas o pai comparece, principalmente, como o destinatário da carta da mãe, agora morta, escrita do distante Rio de Janeiro e é ele, também, o remetente da carta endereçada aos filhos, também escrita da mesma longínqua cidade. As duas cartas, deixadas lado a lado no oratório da casa quando a

e se sustentar, dando assim por encerrado o "trabalho do filme".⁹ Neste momento Walter Salles sem se tornar utópico - estamos seguramente no centrão do Brasil, no sertão da Bahia - torna-se profético (o que, por sinal, é sugerido pelos nomes dos três irmãos: Moisés, Josué e Isaías). Fazendo mais do que nos apresentar, de novo, à velha realidade, o autor nos dá um rumo: o de uma ética da fraternidade, para além dos pais excessivos, "generosos" e prepotentes.

Filas enormes para entrar nos cinemas e platéias que saem ainda lacrimejando. Mas saberemos responder ao convite?

NOTAS

1. S. Freud, *Totem y Tabu*, *Obras Completas*, vol. XIII, Buenos Aires, Amorrortu, 1993.
2. As virtudes maternas, aqui genericamente denominadas de "generosidade", contêm em si uma forte arbitrariedade e por isso coloco o termo entre aspas: a mesma natureza que dá com prodigalidade, pode, segundo suas "leis", que nos soam, contudo, como caprichos e maldades, deixar-nos a seco. A duplicidade da mãe, que ora é presença, seio farto e até desmesuradamente farto, ora é ausência e secura foi, por sinal, muito bem teorizada por Melanie Klein. Esta potência materna em sua desmesura pode ser um contrapeso necessário ao pai despótico (e vice-versa), mas deve, também ela, ser contida para não esvaziar excessivamente a força, já atenuada, do pai na cultura. Na ausência desta contenção, o amor "generoso" da mãe pode se converter em um dos principais desagregadores da vida social e da vida mental dos indivíduos. A presença do pai na cultura, como destinatário do

apelo dos filhos, é o que se traduz como força dos ideais, valores, normas e leis, indispensáveis para a constituição saudável do psiquismo. A incontinência da "generosidade" materna natural põe em risco esta presença e pode, paradoxalmente, vir a ser um dos elementos que reforçam o movimento de trazer o pai de volta à presença, com toda a sua força e poder, como único meio de defesa contra a "generosidade" natural em sua angustiante arbitrariedade.

3. Em "A propósito de um caso de neurosis obsessiva" (*Obras Completas*, vol. X), Freud relata como, em conversa com o paciente, explicou-lhe que "toda coisa consciente estava sujeita a um processo de desgaste, ao passo que aquilo que era inconsciente era relativamente imutável", dando como exemplo ilustrativo o fato de que as ruínas soterradas de Pompéia conservaram-se melhor do que tudo que havia escapado às lavas do Vesúvio. Enterrar é conservar e só quando efetivamente se desenterram as antiguidades, elas começam a ser destruídas. No caso, o soterrado/reprimido/conservado era exatamente uma figura de pai onipotente que se opunha às exigências pulsionais do menino e que veio a reaparecer sob a forma da crueldade e da tirania super-egóica.
4. Conforme é sugerido na nota anterior, uma certa decepção com as promessas da cultura pode gerar de início um retorno às crenças na "generosidade" materna, às crenças na "generosidade natural"; a incontinência desta "generosidade" poderá, por seu turno, debilitar ainda mais a força, já atenuada, do pai na cultura, conduzindo a sociedade, novamente, às condições de barbárie. Os sonhos nostálgicos de retorno à natureza acalentados pelos românticos, por exemplo, parecem caracterizar um momento bem definido deste processo, o momento que antecede o novo assassinato. Haveria, assim, um pós-romantismo que é, na verdade, um hiper e ultra romantismo quando se anuncia, finalmente e novamente, a morte do pai. Sugiro que se pense o Processo do Romantismo, de Hölderlin a Nietzsche, a partir destas indicações.
5. As noções de "pai como alvo e emissário de um apelo", mas que se mantém à distância e imerso no anonimato, ocupando, assim, uma posição de irredutível alteridade diante dos filhos, são comuns à leitura que estou fazendo do texto freudiano e às elaborações da ética por Emmanuel Lévinas. O texto de J.-L. Marion "La voix sans nom. Hommage - à partir - de Levinas" (*Rue Descartes*, 1998, 19, p. 11-25) trata em profundidade desta relação pai-filho segundo a ótica levinassiana.
6. Loucura que se configura como uma ilimitação do amor - e do ódio - materno.
7. A dissociação, tem a "vantagem", sobre o próprio cinismo, de parecer nos colocar acima de qualquer suspeita: os dois regimes - práticas e discursos - parecem tão auto-consistentes e tão isolados um do outro que nem nos damos conta de como transitam em direções opostas. Com isso, podemos evitar até o desconforto de um cinismo mais assumido.
8. Chama a atenção o modo de nos referirmos a esta instituição do Estado Moderno que é o Imposto de Renda quando se apresenta no contexto de uma cultura em que apenas o pai natural e voraz merece algum respeito. O imposto de renda na condição de dispositivo fraterno a serviço da coletividade não nos merece a menor consideração e a sonegação pode ser praticada sem culpa. O que tememos, porém, é a gula insaciável do Leão e é a ela apenas que nos submetemos.
9. É somente neste momento, aliás, que a escrevedora, agora plenamente feminilizada, pode escrever a primeira carta em nome próprio e falando de si; cremos que a discussão deste *post-scriptum* do filme daria ensejo a uma discussão interessante sobre a instituição da função paterna, a fraternidade, a sexuação e a singularização subjetiva, mas isto demandaria um outro artigo.